ISSN 1809-1628
REVISTA MULTIDISCIPLINAR
HUMANIDADES E TECNOLOGIAS (FINOM)
FACULDADE DO NOROESTE DE MINAS

Transição para a vida adulta: expectativas e motivos para viver de adolescentes abrigadas no Brasil

Transition to adulthood: expectations and reasons for living among adolescents sheltered in Brazil

Maria Eduarda Breschak Romero[1]
Gilmar Antoniassi Junior[2]

Resumo: Este estudo explora as expectativas e motivos para viver de adolescentes do sexo feminino que vivem em abrigos, com foco no impacto da institucionalização sobre suas perspectivas de futuro. Embora o acolhimento institucional ofereça proteção imediata, ele frequentemente falha em prover o suporte emocional necessário para um desenvolvimento autônomo e saudável. As adolescentes em abrigos enfrentam desafios significativos na construção de vínculos afetivos e no desenvolvimento de habilidades essenciais para a vida adulta. Os resultados indicam que, apesar de algumas adolescentes expressarem desejos para o futuro, como uma carreira profissional, a maioria enfrenta sentimentos de insegurança e baixa autoestima, especialmente em relação à saída do abrigo aos 18 anos. As participantes mostraram uma necessidade clara de suporte emocional contínuo e de desenvolvimento de habilidades práticas para a vida fora da instituição. As pontuações na escala EMVIVER refletem a variedade de motivos que sustentam a vontade de viver dessas jovens, com algumas apresentando indicadores preocupantemente baixos, sugerindo um ciclo de vulnerabilidade emocional. A pesquisa enfatiza a necessidade urgente de políticas públicas e programas mais eficazes que promovam a autonomia e o bem-estar emocional de adolescentes em abrigos. Sugere-se que, sem o suporte adequado, essas jovens permanecem em risco de marginalização, reforçando a importância de intervenções que integrem tanto o desenvolvimento prático quanto o emocional.

Palavras-chave*:* Adolescentes abrigadas. Autonomia. Motivos para viver. Expectativas futuras.

[1] Graduanda em Psicologia, Departamento de Graduação e Pós-graduação em Psicologia da Faculdade Patos de Minas. ORCID: 0009-0005-4010-5231 e E-mail: mariabreschakromero@gmail.com.

[2] Pós-doutor, Doutor, Mestre em Promoção de Saúde (UNIFRAN); Doutorando em Psicologia (UCES); Bacharel em Psicologia (FEF) e Licenciado em Pedagogia (FPM); Líder do Grupo de Pesquisa Cultura, Subjetividade e Promoção Psicossocial do CEPPACE do Departamento de Graduação e Pós-graduação em Psicologia da Faculdade Patos de Minas. ORCID: 0000-0002-1809-1380 e E-mail: jrantoniassi@hotmail.com.

Recebido em 16/10/2024
Aprovado em: 07/11/2024

Sistema de Avaliação: ***Double Blind Review***

OPEN ACCESS

ISSN 1809-1628
REVISTA MULTIDISCIPLINAR
HUMANIDADES E TECNOLOGIAS (FINOM)
FACULDADE DO NOROESTE DE MINAS

Abstract: This study explores the expectations and reasons for living of female adolescents who live in shelters, focusing on the impact of institutionalization on their future prospects. Although institutional care offers immediate protection, it often fails to provide the emotional support necessary for autonomous and healthy development. Adolescents in shelters face significant challenges in building emotional bonds and developing essential skills for adult life. The results indicate that, although some adolescents express desires for the future, such as a professional career, the majority face feelings of insecurity and low self-esteem, especially in relation to leaving the shelter at age 18. The participants showed a clear need for continuous emotional support and the development of practical skills for life outside the institution. Scores on the EMVIVER scale reflect the variety of reasons that support these young women's desire to live, with some showing worryingly low indicators, suggesting a cycle of emotional vulnerability. The research emphasizes the urgent need for more effective public policies and programs that promote the autonomy and emotional well-being of adolescents in shelters. It is suggested that, without adequate support, these young women remain at risk of marginalization, reinforcing the importance of interventions that integrate both practical and emotional development.

Keywords: Teenagers sheltered. Autonomy. Reasons to live. Future expectations.

1 Introdução

No Brasil a adoção é um procedimento intrincado que engloba elementos jurídicos, sociais e emocionais, do ponto de vista legal, é normatizada pela Lei 12.010/2009, que determina as medidas e os meios para que ela seja devidamente validada juridicamente, considerando o propósito de resguardar os direitos da pessoa adotada, assegurando que a adoção ocorra em favor filiado (Brasil, 2009).

Adotar é um ato legal cuja adoção é uma alternativa afetiva por definição e ultrapassa os aspectos jurídicos, o que significa ter a oportunidade de estar num lar, ser acolhido e amado, passando a ser filho e/ou filha de um adulto e/ou de um casal, findando a concretização de um sonho em estabelecer e/ou expandir uma família, proporcionando atenção e cuidado (Santos; Araújo; Negreiros; Cerqueira-Santos, 2018).

Todavia, o sistema brasileiro de adoção também busca priorizar a manutenção dos vínculos biológicos, sempre que possível, através da reintegração familiar. Apenas quando esgotadas todas as possibilidades de permanência da criança com sua família de origem é que a adoção por pessoas não vinculadas biologicamente é considerada, resultando numa ferramenta social importante que possibilita transformar vidas e oferecer novas oportunidades (Dias, 2019).

O número de crianças e adolescentes institucionalizados em abrigos no Brasil é significativo e reflete uma série de desafios sociais e econômicos. Segundo dados do Conselho

Nacional de Justiça (CNS, 2022), aproximadamente 30 mil crianças e adolescentes vivem em serviços de acolhimento institucional no país. Esses números evidenciam a necessidade de políticas públicas mais efetivas e de um sistema de proteção mais robusto para atender as necessidades dessa população vulnerável.

Pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada em 2020 aponta que muitas dessas crianças e adolescentes acabam institucionalizados devido a situações de violência, negligência ou abandono. A maioria deles permanece nos abrigos por longos períodos, enfrentando dificuldades para retornar às suas famílias de origem ou para serem adotados. O estudo revela que cerca de 46% dessas crianças e adolescentes ficam nos abrigos por mais de dois anos, o que pode prejudicar seu desenvolvimento emocional e social (IPEA, 2020).

As meninas que crescem em instituições de acolhimento carregam um histórico de rupturas e vulnerabilidades que afetam diretamente seu desenvolvimento socioemocional. Como destacam Oliveira, Parra e Maturana (2019), o acolhimento institucional pode tanto oferecer proteção quanto impor novos riscos à criança, especialmente em termos de desenvolvimento psíquico. A experiência do abandono ou da retirada do convívio familiar coloca essas meninas em uma situação de incerteza emocional, onde a construção de vínculos afetivos duradouros se torna desafiadora. Além disso, a permanência em um ambiente institucionalizado por longos períodos pode gerar um senso de dependência em relação ao abrigo, dificultando o desenvolvimento de habilidades para a vida independente.

No contexto da adoção tardia, as perspectivas que permanecem na fila de espera são profundamente moldadas pela ansiedade e incerteza sobre seu futuro. Essas jovens frequentemente enfrentam sentimentos de esperança e frustração. Elas anseiam por um lar definitivo e por um vínculo estável que possa oferecer segurança e amor, ao mesmo tempo em que lidam com a frustração de não saber quando ou se encontrarão uma família. A experiência de estar na fila pode gerar uma sensação de abandono e de estar à margem, onde a incerteza sobre seu futuro alimenta o desejo de pertencimento e a esperança de uma nova chance de vida em uma família acolhedora (Sampaio; Magalhães; Féres-Carneiro, 2018).

Daí a importância de se discutir a complexidade dos abrigos e dos lares transitórios para adolescentes, destacando que esses ambientes frequentemente oferecem uma proteção necessária, mas carecem da estabilidade emocional que um lar permanente pode proporcionar. Elas ressaltam que, embora os abrigos desempenhem um papel crucial ao garantir segurança imediata, a sua natureza transitória pode intensificar sentimentos de incerteza e instabilidade

nos jovens. A falta de continuidade e a imprevisibilidade do ambiente podem dificultar o estabelecimento de vínculos afetivos duradouros e impactar negativamente o desenvolvimento emocional dos adolescentes, tornando evidente a necessidade de alternativas que ofereçam maior permanência e apoio psicológico (Oliveira; Milnitisky-Sapiro, 2005).

A rede de apoio é um fator crucial na trajetória desses jovens, conforme apontam Furtado et al. (2021). No entanto, para muitas meninas, essa rede é limitada e fragmentada. A ausência de uma família de origem presente e participativa, combinada com a falta de suporte contínuo após o período de acolhimento, pode resultar em sentimentos de solidão e desamparo ao alcançar a maioridade. As expectativas em relação ao futuro são, portanto, complexas. De um lado, há o desejo de construir uma vida autônoma, com acesso à educação, emprego e relacionamentos afetivos. Por outro, existem os medos relacionados à falta de estrutura e suporte para enfrentar os desafios da vida adulta.

Diniz, Assis e Souza (2018) destacam que o desenvolvimento socioafetivo das adolescentes institucionalizadas é profundamente afetado pela ausência de vínculos consistentes e pela instabilidade de cuidados. Ao completar 18 anos, muitas dessas meninas se veem obrigadas a lidar com questões como a necessidade de autossustentação e a ausência de uma rede de apoio familiar. Nesse sentido, os abrigos têm papel fundamental em preparar essas jovens para a transição, oferecendo não apenas suporte emocional, mas também capacitação para a vida prática, algo que muitas vezes se mostra insuficiente.

Chicralla et al. (2018) trazem uma perspectiva psicanalítica sobre a vivência do adolescente no abrigo, destacando que o acolhimento institucional pode, em alguns casos, reforçar sentimentos de exclusão e desamparo, principalmente quando a transição para a vida adulta não é acompanhada de uma rede de suporte sólida. Assim, as meninas abrigadas podem apresentar uma visão paradoxal sobre o abrigo: enquanto ele oferece proteção e segurança durante a infância, ao mesmo tempo pode representar uma barreira para o desenvolvimento da autonomia.

Outro ponto relevante, abordado por Lemos e Silva (2019), é a dimensão temporal das relações afetivas desenvolvidas no abrigo. A transitoriedade do acolhimento, marcada pela rotatividade de profissionais e pela falta de garantias de um futuro estável, impede que os jovens criem raízes e se sintam parte de uma comunidade afetiva permanente. Essa sensação de descontinuidade emocional impacta diretamente a forma como essas meninas encaram o futuro, muitas vezes sem confiança de que serão capazes de construir relações duradouras e de sustentação emocional após o abrigo.

Por conseguinte, é necessário pensar no processo de desligamento de adolescentes em acolhimento institucional é um período crítico e complexo, particularmente para aqueles que não foram adotados. Esses jovens frequentemente enfrentam uma série de desafios significativos ao fazer a transição para a vida independente. Sem a perspectiva de adoção, o desligamento pode ser ainda mais difícil, pois muitos desses adolescentes saem dos abrigos sem o suporte contínuo de uma família. A falta de uma rede familiar ou de um mentor confiável pode exacerbar as dificuldades enfrentadas, como a busca por moradia, emprego e uma base emocional estável. A ausência de uma família adotiva implica uma necessidade ainda maior de políticas e programas que ofereçam suporte efetivo e contínuo durante e após o processo de desligamento (Rosa; Nascimento; Matos; Santos, 2012).

Os desafios enfrentados por jovens que completam 18 anos e não são adotados, e são obrigados a deixar os abrigos e, muitas vezes, sem suporte financeiro ou familiar; fazem com que esses jovens, lutam por autonomia e enfrentam dificuldades emocionais, sociais e econômicas. Daí, a necessidade de programas como repúblicas jovens e o apadrinhamento afetivo evidenciam como alternativas de apoio. Entretanto, a legislação brasileira ainda carece de políticas públicas efetivas para garantir suporte contínuo a esses jovens após saírem dos abrigos (Souza, 2021).

O sucesso da transição para a vida independente para esses adolescentes depende de uma abordagem abrangente que vá além do simples desligamento dos abrigos. É crucial que os sistemas de acolhimento institucional implementem estratégias que incluam o desenvolvimento de habilidades para a vida, suporte psicológico e uma rede de apoio comunitária robusta, que oferece uma preparação para a vida, podem ajudar a mitigar os desafios enfrentados por esses jovens, proporcionando uma base mais sólida para sua integração na sociedade (Rosa; Nascimento; Matos; Santos, 2012).

A pesquisa ora proposta, se justifica pelas observações no decorrer do estágio de psicologia social, por notar às vulnerabilidades específicas e as desvantagens que as meninas abrigadas enfrentam, as quais impactam em seu desenvolvimento e bem-estar futuro, onde frequentemente lidam com traumas, negligência, e falta de acesso a recursos básicos, ao qual mediante as atividades propostas no decorrer do estágio e através das apreciações rotineiras pode-se notar quanto angustiante é a perspectiva de vida após os 18 anos, quando não poderem permanecer no abrigo e por não terem sido acolhidas por uma família.

Em conformidade ao exposto na justificativa, a presente pesquisa tem como parâmetro norteador o anseio em responder ao seguinte questionamento: *Quais expectativas*

CC BY

correspondem o anseio em relação ao futuro e que motivos norteiam a perspectiva de vida de um grupo de meninas adolescentes que vivem abrigadas? Segundo Batista e Maria (2024) afirmam que é comum observar em adolescentes que vivem em abrigos e estão com idades avançadas sinais de ansiedade e uma intensa expectativa em relação ao futuro e, que podem ser influenciadas pelas aspirações pessoais a serem almejadas no que tende a incluir a busca por estabilidade, segurança, oportunidades educacionais e profissionais, bem como a esperança por um futuro melhor. É importante lembrar que cada adolescente é único e suas motivações podem variar conforme seus anseios.

Ao compartilhar as histórias e experiências das adolescentes que vivem em abrigo, podemos aumentar a conscientização sobre as questões que levam essas meninas a essa situação, como violência doméstica, abuso, negligência ou falta de recursos financeiros. Além disso, ao ouvir suas experiências, podemos promover a empatia e solidariedade, incentivando a comunidade a buscar soluções para ajudar essas meninas a superar essas dificuldades e construir um futuro melhor. É importante dar voz a essas meninas e garantir que suas histórias sejam ouvidas e levadas em consideração na busca da criação de políticas públicas mais eficazes e programas de apoio mais adequados às suas necessidades.

Do ponto de vista da psicologia, estudar as experiências e motivações das meninas que vivem em abrigos pode trazer importantes contribuições para a compreensão dos efeitos do trauma, da violência e da instabilidade familiar em seu desenvolvimento psicológico. Essas pesquisas podem ajudar a identificar estratégias de intervenção mais eficazes para promover a resiliência e o bem-estar emocional desses jovens, contribuindo assim para o avanço da ciência psicológica e para a melhoria da qualidade de vida das pessoas em situações vulneráveis.

Por conseguinte, a presente pesquisa objetiva-se em verificar num grupo de meninas adolescentes abrigadas os motivos para se viver e as expectativas que correspondem seus anseios em relação ao futuro; mais especificamente identificar o perfil das participantes e compreender como elas vivem no cotidiano do abrigo face a preparação transitória para a vida após a maioridade.

2 Materiais e Métodos

Trata-se de um relato de experiência descritivo de natureza qualitativa do tipo intervencionista, produzido por intermédio do estágio profissionalizante em Psicologia na área de concentração de Saúde e Sociedade com ênfase às ações na comunidade. O estudo foi realizado com um grupo de adolescentes abrigadas de uma instituição filantrópica da região do Alto Paranaíba, interior do estado de Minas Gerais – Brasil. Fundada em 23 de agosto de 1957, o abrigo é um espaço destinado a crianças e adolescentes que estão em situação de risco e/ou vulnerabilidade social, dedicado a meninas de zero a dezessete anos.

A amostra da pesquisa foi constituída através do método de amostragem não probabilística de modo intencional e por conveniência; visto que o presente estudo se trata de um recorte do estágio em Saúde e Sociedade do Curso de Psicologia. A prática deste estágio está vinculada às atividades desenvolvidas no Laboratório de Práticas Promoção Psicossocial, Diversidade e Saúde (LAPSIDIS). Para esse propósito, a seleção dos participantes ocorrerá considerando os critérios para inclusão, sendo mulheres, residentes no abrigo e com idade de 13 a 18 anos, serão excluídas aquelas que não se enquadrem nos critérios de inclusão e que não participarem de todas as rodas de conversa.

A presente pesquisa atenderá aos princípios éticos segundo as Resoluções do CNS Nº. 466/2012 e Nº. 510/2016 para pesquisa com seres humanos. Entretanto, tendo em vista, a liberdade de intervenções decorrente da prática de estágio conforme aplicabilidade da formação profissional no tocante às diretrizes curriculares, visto que, não se faz exigências éticas para tais intervenções, considerado o Art.º 1, item VII e VIII, bem como o § 2º da Resolução CNS Nº. 510/2016.

Para tanto, em cumprimento ao § 2º do Art.º 1 da Resolução CNS Nº. 510/2016, visto a intenção de incorporação dos resultados dessas atividades produzidas em um projeto de pesquisa com a finalidade de publicação dos resultados; o presente recorte da intervenção foi submetido, através da documentação necessária para análise ética e acompanhamento do Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Patos de Minas, através do CAEE: 84154724.3.0000.8078, tendo o parecer de aprovação.

Conforme dito anteriormente, o procedimento de coleta de dados dar-se-á através do recorte do estágio em Saúde e Sociedade do Curso de Psicologia. A prática deste estágio está vinculada às atividades desenvolvidas no Laboratório de Práticas Promoção Psicossocial, Diversidade e Saúde (LAPSIDIS), ao qual funcionam atendimentos psicoterapêuticos, grupo

terapêutico com dinâmicas e intervenções com as adolescentes e supervisão. O recorte aqui apresentado trata-se de duas das atividades desenvolvidas ao longo da experiência do estágio.

A primeira atividade relatada se configura na aplicação da vivência grupal denominada 'Refletindo o Futuro', elaborada a partir da proposta de Leal, Marques, Tito e Arruda (2019), Pinto, Santos, Albuquerque, Ramalho e Torquato (2013) e Pinheiro e Antoniassi Junior (2022), cuja, finalidade é de promover uma reflexão sobre perspectivas de futuro, anseios e expectativas, além de fortalecer a autoestima e a valorização pessoal das meninas abrigadas, promovendo o reconhecimento da própria importância e das pessoas significativas em suas vidas; a atividade teve duração média de 2 horas.

A segunda atividade foi aplicação da 'Escala de Motivos para Viver' – EMVIVER que é uma ferramenta que avalia razões importantes para as pessoas continuarem a viver, mesmo diante de dificuldades. Baseada na Psicologia Positiva, destaca experiências emocionais positivas. Composta por 29 itens, a escala examina três subcategorias: Relacionamentos Significativos (suporte social e familiar), Atração pela Vida (amor pela vida, otimismo, felicidade) e Virtudes (espiritualidade, humanidade e transcendência). Os participantes avaliam a relevância de cada item em suas vidas atuais, variando de "sem importância" a "muito importante" (Gomes, 2015).

Respectivamente no dia da aplicação da vivência inicialmente foi solicitado que as meninas adolescentes fizessem uma roda, no primeiro momento elas foram e requeridas a dizerem um pouco de suas expectativas futuras e como o abrigo estavam preparando-as para quando completassem 18 anos e tivesse que deixar o abrigo. Logo em seguida, foi posto uma reflexão de como era importante elas serem prioridades em suas próprias vidas, iniciando aí efetivamente a aplicação da vivência conforme programada.

Em relação a aplicação da Escala ENVIVER, ocorreu no decorrer de um dos atendimentos individualizados das jovens adolescentes; foi proposto como atividade do processo psicoterapêutico que ocorre no estágio na instituição. Elas receberam as instruções de preenchimento da escala, em que ocorreu em uma sala ampla, arejada e isolada, o que possibilitou elas não sofrerem influências externas e com condição de refletirem; todas as dúvidas e questionamentos no decorrer da aplicação eram esclarecidos de imediato. No final da sessão foi realizado um trabalho de acolhimento de como elas estavam se sentindo em relação a atividade desenvolvida na aplicação da escala, visto para não deixar lacunas que pudessem gerar algum desconforto e/ou ansiedades em função da reflexão na sessão psicoterapêutica.

De posse dos dados registrados no diário de bordo, será facilitada a observação das interações dos participantes, juntamente com a transcrição dos áudios. Isso permitirá a categorização temática e a análise do conteúdo extraído, possibilitando a criação de mapas mentais e nuvens de palavras. Esses elementos serão então analisados utilizando o método de Análise da Conversação e da Fala (Bauer; Gaskell, 2015; Gomes, 2014; Myers, 2015). As análises qualitativas, serão utilizadas como referência a teoria Psicodramática de Oliveira (2023) e articulando com o referencial de Promoção da Saúde.

Para a análise da Escala Motivos para Viver (EMVIVER), será adotada a padronização proposta por Gomes (2015), utilizando uma escala Likert de três pontos (0 a 3), onde "sem importância" = 0, "pouco importante" = 1, "importante" = 2 e "muito importante" = 3. A pontuação total varia de 0 a 87, sendo que escores acima de 50 indicam mais motivos para viver. A escala também permite a análise de subcategorias: Relacionamentos Significativos (itens 1-15), Amor pela Vida (itens 16-24) e Virtudes (itens 25-29), conforme indicado por Gomes (2015).

3 A EXPERIÊNCIA: como pensar o cuidado com as adolescentes para depois dos 18

Ao longo do estágio, muitas reflexões foram levantadas em relação ao cuidado para com essas meninas adolescentes, reforçando que a transição da infância para a vida adulta é um período marcado por inúmeras transformações e desafios, especialmente para elas que crescem em contextos de acolhimento institucional.

Essas jovens, enfrentam uma realidade de expectativas e incertezas que são amplificadas pela ausência de uma rede de apoio familiar estável e pela descontinuidade dos cuidados proporcionados pelos abrigos. O processo de institucionalização, que visa garantir proteção e direitos básicos a essas crianças e adolescentes, muitas vezes não prepara adequadamente os jovens para a autonomia e vida adulta, gerando paradoxos e questionamentos sobre o real impacto dessa proteção.

No tocante ao recorte escolhido para aqui relatar, trago as experiências vivenciadas com *Sol, Lua e Céu* (pseudônimos), quem são elas?

> Sol, 14 anos, branca, foi encaminhada para o abrigo pelo programa de Proteção a Crianças e Adolescentes Ameaçados de Morte em meados de fevereiro de 2024. Desde muito nova presenciou conflitos e violências, seu pai morreu quando ela era mais nova, sua mãe usuária de drogas e garota de programa. E

a filha mais velha e precisou começar a vender drogas com 12 anos para sustentar os vícios da mãe e para alimentar ela e seus irmãos; devido a essa condição Sol começou a usar drogas e ter uma vida sexual ativa com o uso excessivo de drogas e álcool passava virada na rua vários dias em situação de rua, sem higiene pessoal com essa situação ela pegou piolho e teve que raspar seu cabelo e fazer cirurgia no cérebro para retirar os vermes. Ela foi ameaçada de morte e ficou fugindo de casa em casa por alguns meses até ser protegida pelo programa. Estuda em tempo integral.

Lua, 11 anos, branca, seus pais são separados e ela e a filha do meio, desde pequena já passou por vários abrigos sendo este a quarta instituição, seu pai é agressivo e ela já apresentou vários hematomas proferidos pelo pai. A mãe e a irmã mais velhas alegam não ter condições para criá-la. Devido a essas condições, Lua teria somente duas opções: ou continuar abrigada até seus 18 anos ou tentar uma família adotiva, mas ela encontra-se irreversível à ideia de adoção. Estuda em tempo integral.

Céu, 11 anos, branca, já esteve abrigada na instituição onde ela foi adotada, mas acabou desistindo por querer tentar uma reaproximação com a mãe, atualmente está indo para a casa da mãe de 15 em 15 dias aos finais de semana. Estuda em tempo integral.

O estágio no abrigo acontece todos os sábados e segue uma rotina bem estabelecida. O grupo inicia às 10h, sendo um momento em que as participantes compartilham como foi a semana, falando sobre suas atividades, angústias e frustrações. Muitas delas mencionam sentimentos de tristeza e a monotonia da rotina diária, destacando a falta de novidades tanto em atividades quanto em roupas e alimentação. Elas reclamam frequentemente das regras e do tratamento que recebem, além de comentarem sobre brigas e ciúmes que surgem entre elas.

Durante o grupo, há dias em que foi aplicado dinâmicas específicas, mas geralmente o espaço é mais aberto para que elas possam expressar suas emoções livremente. A partir das 12h, fazemos uma pausa para o almoço, e logo após esse intervalo, começam as sessões de psicoterapia individual. Esses momentos são importantes para um atendimento mais personalizado, onde podemos trabalhar questões específicas de cada uma. Por volta das 16h30, termina o expediente e retorno para casa.

Apesar dos desafios e das queixas constantes, o vínculo que construímos é visível, especialmente quando elas me presenteiam com cartinhas feitas à mão. Esses gestos simbolizam o carinho e o relacionamento terapêutico que desenvolvemos ao longo do tempo.

Sobre a vivência *Refletindo o Futuro* foi possível notar ante as *expectativas, desejos, anseios, frustrações e perspectiva de futuro*, que essas jovens, embora tenham alguns desejos

futuros, estão marcadas pela desconfiança, falta de preparo e baixa autoestima, o que pode dificultar a transição para uma vida autônoma e saudável ao saírem da instituição; no quadro 1 é possível evidenciar os achados.

Quadro 1. Evidência dos aspectos categorizados a partir da vivência refletindo o futuro, com as adolescentes participantes.

Aspectos	P.1	P.2	P.3
Expectativas	Deseja ser juíza para ajudar pessoas em situações semelhantes; expectativa de autonomia, mas frustrada com o abrigo.	Sem expectativas claras; refletem-se nas outras adolescentes.	Deseja ser médica e ter uma vida estável, mas expressa visão simplista do futuro.
Desejos	Deseja reconectar-se com a família, apesar de expressar agressividade em relação à vida atual no abrigo.	Não expressa desejos próprios, refletindo medo de adoção devido a traumas passados.	Deseja voltar a viver com a mãe; o foco familiar é mais evidente que as aspirações profissionais.
Anseios	Busca acolhimento e amor, mas encontra frustração com o tratamento que recebe das freiras no abrigo.	Anseia por estabilidade, mas tem medo do futuro por conta de experiências negativas.	Anseia por reconexão familiar e por uma vida 'normal', sem grande entendimento de desafios.
Frustrações	Frustração por não desenvolver autonomia, falta de atividades que preparem para o futuro.	Frustração e ausência de perspectiva clara devido à baixa autoestima e medo de reviver traumas.	Frustração oculta, pois não demonstra entendimento claro das dificuldades futuras.
Perspectiva de Futuro	Insegurança e visão pessimista sobre o futuro, com desconfiança e baixa autoestima.	Acredita que não possui ferramentas emocionais ou práticas para lidar com a vida fora do abrigo.	Incertezas quanto à sua capacidade de alcançar seus desejos, devido à visão ingênua do futuro.

Fonte: Próprios autores.

De modo geral, no que diz respeito às expectativas, as jovens demonstram expectativas conflitantes quanto ao futuro. P.1 e P.3 expressam aspirações profissionais (ser juíza e médica), mas o discurso é marcado por limitações. P.1, por exemplo, apresenta uma expectativa de autonomia e desejo de justiça pessoal, enquanto P.3 revela expectativas simplórias e fantasiosas. No que diz respeito aos desejos das jovens giram em torno de reconexões familiares e busca por estabilidade. P.3 deseja estar com a mãe, enquanto P.1 almeja reencontrar familiares, mesmo com um discurso agressivo em relação ao lar atual.

Quanto aos anseios, há uma clara busca por pertencimento, evidenciado no desejo de P. 1 de ter uma relação mais amorosa e acolhedora no abrigo. A ausência de um ciclo social e atividades de autonomia nas casas de abrigo frustra as adolescentes.

Já as frustrações centrais emergem da percepção de despreparo para a vida fora do abrigo. P.1 e P.3 se queixam da falta de treinamento para independência, como cozinhar ou realizar atividades básicas. Isso gera uma visão pessimista e agressiva do futuro, sobretudo em P.1, que apresenta baixa autoestima e automutilação. E a perspectiva de futuro, após os 18 anos, as adolescentes enfrentam uma realidade de incertezas. Elas expressam medo e insegurança sobre sua capacidade de viver de forma independente, principalmente pela falta de apoio emocional e social adequado. Mesmo com desejos de futuro profissional, a ausência de habilidades práticas e de um ciclo social enfraquece suas perspectivas, e sentimentos de abandono podem prevalecer ao saírem do abrigo.

A análise das expectativas, desejos, anseios, frustrações e perspectivas de futuro das adolescentes no abrigo revela uma complexa interseção entre o ambiente institucional e suas experiências pessoais. As expectativas desses jovens refletem tanto aspirações profissionais, como ser juíza ou médica, quanto a busca por uma autonomia frustrada pelas circunstâncias do abrigo. Essa frustração é descrita por uma das adolescentes que deseja ser juíza para ajudar pessoas em situações semelhantes, mas sente-se impedida de desenvolver a independência necessária devido às limitações impostas pelo sistema. O desenvolvimento humano envolve a expansão das liberdades e capacidades, o que, nesse caso, parece estar cerceado pelas condições institucionais. A sensação de impotência diante do controle sobre suas vidas pode ser um reflexo dessa restrição (Bastos, 2018).

No entanto, há um grupo de adolescentes que não expressa expectativas claras, o que pode refletir não apenas uma falta de perspectiva, mas uma adaptação ao ambiente que, em si, não favorece a formulação de planos para o futuro. Isso está alinhado com a ideia de que o ambiente institucional pode reforçar uma cultura de dependência, nas instituições totais, as interações sociais são moldadas de forma a suprimir a individualidade e autonomia (Esteves; Cardoso; Corradi-Webster, 2014).

Os desejos desses adolescentes, em grande parte, estão centrados na reconexão familiar, mesmo quando existem sentimentos ambíguos ou agressivos em relação à vida no abrigo. Uma delas expressa o desejo de voltar a viver com a mãe, demonstrando que a busca por vínculos afetivos é mais relevante que as aspirações profissionais. Isso corrobora a teoria do apego, que destaca a importância dos vínculos primários para o desenvolvimento emocional e psicológico.

O desejo de uma “vida normal” está frequentemente relacionado a esse retorno ao núcleo familiar, mesmo quando a realidade pode não oferecer essa estabilidade idealizada (Ramires; Schneider, 2010).

No que tange aos anseios, a busca por acolhimento e amor é um tema recorrente, frequentemente frustrado pela forma como as adolescentes percebem o tratamento recebido no abrigo, especialmente pelas figuras de autoridade. A frustração com o que elas identificam como falta de apoio emocional é um aspecto relevante que, pode afetar a construção de um self saudável, comprometendo a capacidade desses jovens de criar relações seguras e sustentáveis no futuro (Silva; Lima; Barbosa, 2014).

As frustrações também se manifestam na percepção de que o abrigo não oferece oportunidades para o desenvolvimento da autonomia. Muitas delas reclamam da ausência de atividades que as preparem para a vida adulta, reforçando a sensação de estar estagnada. A falta de atividades que promovam habilidades práticas e emocionais para a vida fora do abrigo contribui para o que Erikson descreve como uma crise de identidade, um momento em que as adolescentes lutam para formar uma imagem coesa de si mesmas (Queiroga; Vitalle, 2013).

Essa ausência de perspectivas claras de futuro é evidente na forma como muitas expressam insegurança e visão pessimista. Elas acreditam não possuir as ferramentas emocionais ou práticas necessárias para enfrentar os desafios que as aguardam fora do abrigo, o que é um reflexo tanto do ambiente em que vivem quanto de experiências passadas de abandono e trauma. O conceito de resiliência, aqui, parece ausente ou enfraquecido, uma vez que essas adolescentes não conseguem visualizar uma saída realista para suas circunstâncias, ficando presas ao medo e à incerteza (Yunes, 2003).

No decorrer das atividades vividas no estágio, observa-se que a visão ingênua do futuro, demonstrada por algumas dessas meninas, que anseiam por uma vida ‘normal’ sem entender completamente os desafios envolvidos, também pode ser interpretada como uma forma de escapismo. Elas fantasiam com uma vida estável, muitas vezes sem ter os recursos internos ou externos para concretizá-la. Isso cria um ciclo de expectativas não atendidas, reforçando a visão pessimista do futuro, descrita por uma delas como insegurança e desconfiança em relação ao que está por vir. Esses fatores juntos formam um panorama que mostra como o ambiente institucional, as experiências passadas de trauma e abandono e a falta de suporte emocional e prático limitam a capacidade desses adolescentes de visualizar um futuro viável e de desenvolver a autonomia necessária para alcançar seus desejos.

Entre os motivos para viver Céu é a participante que possui maiores indicadores de prevalência (87 pontos), talvez pela aproximação que tem se estabelecido com sua mãe. Já as participantes Sol (26 pontos) e Lua (21 pontos), possuem perspectivas baixas de motivos para vida, o que reforçam o estilo de vida aos quais elas estão associadas, Sol no envolto do ambiente das drogas e o uso demarcado pela autodestruição e Lua por ter passado por diferentes abrigos e violência já vivida em pouco tempo de vida.

A análise dos resultados da escala, somada ao contato direto com essas meninas, revela uma complexa relação entre suas expectativas de futuro e a realidade emocional e social que enfrentam. As participantes que demonstram menores pontuações na escala de motivos para viver, como Sol e Lua, refletem, em suas histórias e comportamentos, os efeitos do trauma e da vulnerabilidade, evidenciando um ciclo de sofrimento difícil de romper. Sol, envolta no mundo das drogas, e Lua, marcada por uma trajetória de violência e sucessivos abrigos, parecem ter perdido a conexão com um projeto de vida que lhes dê sentido. Em contraste, Céu, com uma pontuação mais alta, parece encontrar na relação com a mãe um fio de esperança, uma base para sustentar sua existência. No entanto, mesmo para Céu, que apresenta essa conexão, o desafio é contínuo.

As vivências dessas meninas mostram que, sem um suporte adequado que una o emocional ao prático, as perspectivas futuras se tornam frágeis. O contato direto com elas deixa evidente que o ambiente do abrigo, muitas vezes carente de uma abordagem mais humana e acolhedora, não consegue suprir as necessidades emocionais profundas que emergem, e isso reflete nas suas percepções de futuro e de vida.

As projeções de futuro para jovens como Céu, Sol e Lua são analisadas à luz de suas experiências individuais, das dinâmicas emocionais que vivenciam e do contexto social em que estão inseridas. Para Céu, a possibilidade de reconexão com a mãe sugere uma perspectiva mais otimista, onde o suporte familiar pode favorecer sua autonomia e oferecer um espaço emocional acolhedor. Nesse caso, a projeção de um futuro em que ela consegue estabelecer uma vida independente e saudável é plausível, especialmente se houver intervenções que incentivem suas habilidades e autoeficácia.

Por outro lado, para Sol e Lua, as projeções são mais desafiadoras, dado o ambiente de vulnerabilidade em que se encontram. A luta de Sol contra o envolvimento com drogas e a experiência de violência da Lua indicam a necessidade de intervenções mais intensivas e multidimensionais, que incluem suporte psicológico, treinamento para a vida independente e oportunidades de socialização positiva. Essas jovens podem desenvolver uma perspectiva de

CC BY

futuro que, embora inicialmente marcada por incertezas, pode se transformar em uma realidade mais promissora por meio de programas que abordem suas necessidades emocionais e práticas.

Em um contexto ideal, segundo Ferreira, Littig e Vescovi (2014) a construção de um futuro viável para essas jovens depende do fortalecimento de sua rede de apoio, da promoção de habilidades práticas e da criação de um ambiente que encoraje a resiliência e a esperança. A projeção de um futuro em que elas possam se sentir valorizadas e capacitadas a tomar decisões para suas vidas é essencial para quebrar o ciclo de vulnerabilidade e abandono.

Durante o período de estágio, ficou evidente a falta de preparação e a autonomia limitada oferecida pela instituição em relação à preparação das jovens para as vivências no mundo "real". Essas adolescentes, já em situação de vulnerabilidade, muitas vezes se encontram à mercê de um sistema que não lhes fornece as ferramentas possíveis para enfrentar os desafios da vida fora do abrigo. A ausência de programas estruturados de capacitação e de desenvolvimento de habilidades práticas não apenas limita suas perspectivas futuras, mas também expõe riscos maiores de marginalização e abandono. A realidade enfrentada por esses jovens evidencia a urgência de uma abordagem mais integrada e humanizada, que não apenas reconheça suas necessidades imediatas, mas que também os prepare para uma transição mais segura e digna à vida adulta.

Segundo Barros e Naiff (2015) é fundamental que uma instituição assuma um papel ativo na promoção de sua autonomia, oferecendo oportunidades de aprendizado e suporte emocional que lhes permitam construir pontes para o futuro, de modo que, a preparação dos jovens no abrigo seja eficaz e capacitada para a vida fora da instituição, é necessário implementar uma série de ações que visem a promoção de sua autonomia e desenvolvimento pessoal. O acolhimento nem sempre resulta em uma trajetória de vida positiva para os jovens acolhidos; a falta de preparo dessas instituições reflete-se em uma deficiência de habilidades para a integração social quando o indivíduo deixa o sistema (Silva, 2022).

Daí, é importante que os abrigos e/ou instituições acolhedoras estabeleçam programas de formação que ensinem habilidades práticas essenciais, como gestão financeira, autocuidado e habilidades profissionais. Além disso, a inclusão de acompanhamento psicológico e emocional é vital para ajudá-las a lidar com os traumas passados e a desenvolver a autoestima necessária para enfrentar os desafios da vida adulta. O fortalecimento das redes de apoio social, por meio de parcerias com organizações comunitárias e mentores, também é crucial para proporcionar aos jovens um senso de pertencimento e suporte (Barros; Naiff, 2024).

Por fim, é fundamental que as políticas públicas sejam mais robustas e direcionadas à criação de um ambiente que promova a autonomia dos adolescentes em situação de acolhimento, especialmente daqueles que estão próximos de completar 18 anos. Ao atingir essa idade, muitos enfrentam o desafio de deixar as instituições sem o devido preparo para a vida adulta, o que aumenta a vulnerabilidade social. Além domais, é importante que as instituições fortaleçam redes de apoio psicossocial, criando parcerias que possam oferecer oportunidades de refletirem sua inserção na sociedade enquanto protagonista de sua própria vida, ajudando a construírem trajetórias mais seguras e independentes, no tocante a inclusão no mercado de trabalho e a organização cotidiana da vida e seus afazeres.

4 Conclusão

O presente estudo buscou investigar as expectativas e motivos para viver em meninas adolescentes que vivem em abrigos, destacando os desafios enfrentados por essas jovens no processo de transição para a vida adulta. A pesquisa revelou a complexidade da experiência de viver em um ambiente institucional, onde as meninas são frequentemente marcadas por um histórico de rupturas familiares e vulnerabilidades socioemocionais que afetam diretamente suas percepções de futuro e sua autoestima.

As análises apontaram que, embora essas adolescentes manifestem desejos e expectativas para o futuro, como aspirações profissionais e reconexões familiares, elas frequentemente se deparam com barreiras internas e externas que dificultam a construção de uma autonomia saudável. A falta de preparo oferecido pelos abrigos, combinada com a ausência de uma rede de apoio robusta, reflete-se em sentimento de insegurança e baixa autoestima, prejudicando a confiança dessas jovens em suas capacidades de alcançar seus sonhos.

A aplicação da vivência grupal “Refletindo o Futuro” e a utilização da Escala de Motivos para Viver (EMVIVER) contribuíram para a compreensão das dinâmicas emocionais e psicológicas dessas meninas, revelando a necessidade urgente de intervenções que promovam tanto o desenvolvimento de habilidades práticas para a vida adulta quanto o suporte emocional adequado. A pesquisa demonstrou que a transição dessas jovens para a vida adulta pode ser facilitada com programas mais estruturados de capacitação e com o fortalecimento de redes de apoio psicossocial.

Contudo, este estudo apresenta algumas limitações, como o fato de ser um recorte de estágio em Psicologia Social, realizado com uma amostra restrita de adolescentes de um único

abrigo. Apesar disso, as descobertas ressaltam a importância de políticas públicas mais eficazes e programas que promovam a autonomia e o bem-estar emocional dessas jovens. Futuras pesquisas podem ampliar esse debate, investigando outros contextos institucionais e buscando soluções para fortalecer o suporte oferecido às adolescentes em abrigos.

Por fim, este estudo reforça a necessidade de olhar para essas jovens com sensibilidade e atenção, proporcionando-lhes não apenas proteção imediata, mas também as ferramentas necessárias para que possam construir um futuro digno, seguro e promissor após os 18 anos.

Referências

AGÊNCIA BRASIL. **O desafio para jovens não adotados que completam 18 anos.** Agência Brasil, 2021. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2021-03/o-desafio-para-jovens-nao-adotados-que-completam-18-anos Acesso em: 29 set. 2024.

BARROS, N. S.; ALVES, L.; NAIFF, M. Training for educators of children and teens shelter: identifying social representations. Capacitación para educadores de niños y adolescentes refugios: identificar las representaciones sociales. **Psicologia social,** [S.l], v. 15, n. 1, p. 240-259, 2015. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v15n1/v15n1a14.pdf. Acesso em: 14 out. 2024.

BASTOS, R. A. *et al.* Angústias psicológicas vivenciadas por enfermeiros no trabalho com pacientes em processo de morte: estudo clínico-qualitativo. **Trends in Psychology**, v. 26, n. 2, p. 795–805, 1 jun. 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/j/tpsy/a/FtTbdsvLBKnp9dKqfCj6kZJ/abstract/?lang=pt Acesso em: 19 mai. 2024.

BATISTA, M. A.; MARIA, S. Sintomas de ansiedade mais comuns em adolescentes. **Psic: revista da Vetor Editora**, v. 6, n. 2, p. 43–50, 2024. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-73142005000200006. Acesso em: 30 set. 2024.

BRASIL. **Lei nº 12.010, de 3 de agosto de 2009.** Brasília, DF, 2009. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L12010.htm Acesso em: 06 jun. 2024.

CHICRALLA, A. C. *et al*. Um adolescente e o abrigo: uma escuta psicanalítica. 2018. Dissertação(Pós-graduação em Psicanálise e Políticas Públicas) - Centro de Educação e Humanidades Instituto de Psicologia. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UERJ_48afde87dd88cadc497af565096ee8d6 Acesso em: 09 ago. 2024.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. Motivos do acolhimento de crianças e adolescentes refletem problemas sociais. 2022 Disponível em: https://www.cnj.jus.br/motivos-do-acolhimento-de-criancas-e-adolescentes-refletem-problemas-sociais/ Acesso em: 30 ago. 2024.

DIAS, M. B. O sistema da adoção no Brasil. Disponível em: https://berenicedias.com.br/o-sistema-da-adocao-no-brasil/. Acesso em: 09 jun. 2024.

DINIZ, I. A.; ASSIS, M. O.; SOUZA, M. F. S. de. Crianças institucionalizadas: Um olhar para o desenvolvimento socioafetivo. **Pretextos**: Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas, [S.l.], v. 3, n. 5, p. 261-285, 2018. Disponível em: https://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/15978. Acesso em: 15 jul. 2024.

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA. **A verdade de muitos corações**: a percepção de jovens em acolhimento residencial sobre o papel dos agentes institucionais no seu processo de autonomização. [s.l: s.n.]. Disponível em: https://iconline.ipleiria.pt/bitstream/10400.8/8331/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o-%2027-12-22-%20original_ap%C3%B3s%20corre%C3%A7%C3%B5es%20formais.pdf Acesso em: 18 out. 2024.

ESTEVES, R. B.; CARDOSO, L.; CORRADI-WEBSTER, C. M. Instituição total e juventude: Análise de uma narrativa cinematográfica. **Revista da SPAGESP**, [S.l.], v. 15. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702014000200006&lng=pt Acesso em: 20 maio 2024.

FERREIRA, V. V. D. F.; LITTIG, P. M. C. B. VESCOVI, R. G. L. Crianças e adolescentes abrigados: perspectiva de futuro após situação de rua. **Psicologia & Sociedade**, [S.l.], v. 26, p. 165-174, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/j/psoc/a/P4bNjpmNVFhGstQ844D4Hxn/. Acesso em: 19 maio 2024.

FURTADO, M. P. *et al.* Rede de apoio da criança acolhida: a perspectiva da criança. **Mudanças**, [S.l.], v. 29, n. 1, p. 9-20, 2021. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-32692021000100002 Acesso em: 12 jul. 2024.

GOMES, M. A. **Construção da Escala de Motivos para Viver EMVIVER**. 2020.14 f. Tese de doutorado, Universidade São Francisco. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2020000200011 Acesso em: 19 maio 2024.

GUSTAVO, S.; ANDREA; BARBOSA, N. N. Sobre os conceitos de verdadeiro self e falso self: Reflexões a partir de um caso clínico. **Cadernos de Psicanálise,** Rio de Janeiro, v. 36, n. 30, p. 113-127, 2014. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-62952014000100007&script=sci_abstract Acesso em: 19 maio 2024.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (Ipea). **Atlas da Violência 2020**. 2020. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/24/atlas-da-violencia-2020 Acesso em: 14 jun. 2024.

LEAL, M. C. C. *et al*. Promoção de hábitos saudáveis com idosos diabéticos: utilização de grupos operativos como intervenção terapêutica. **Revista Brasileira de Ciências do**

Envelhecimento Humano, [S.l.], v. 16, n. 1, p. 25-29, 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/339279698_Promocao_de_habitos_saudaveis_com_idosos_diabeticos_utilizacao_de_grupos_operativos_como_intervencao_terapeutica Acesso em: 14 maio 2024.

LEMOS, I. C.; SILVA, R. B. F. Cuidado de crianças em acolhimento institucional: Relações afetivas e dimensão temporal. **Psic. Unisc**, [S.l.], v. 3, n. 1, p. 173-191, 2019. Disponível em: https://online.unisc.br/seer/index.php/psi/article/view/11892 Acesso em: 20 ago. 2024.

MARQUES, G. R. G. **Analisando o desenvolvimento**: a perspectiva de Amartya Sen. 2018 Disponível em: http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Urutagua/article/viewFile/11500/6316. Acesso em: 15 fev. 2019. Acesso em: 17 mar. 2024.

MESQUITA, A. M. O. O psicodrama e as abordagens alternativas ao empirismo lógico como metodologia científica. **Psicologia**: Ciência e Profissão, [S.l.], v. 20, p. 32-37, 1 jun. 2000. Disponível em: https://www.scielo.br/j/psicodrama/a/NNZKPyHKrN6NvMSpWyfXQgm/ Acesso em: 21 maio 2024.

NASCIMENTO, S. R. Oscilações no desempenho de motoristas profissionais, motoristas pluriacidentados e não-motoristas em tarefas de atenção mantida. 2001. 65 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

OLIVEIRA, A. P. G.; MILNITISKY-SAPIRO, C. Abrigos para adolescentes: função de lar - transitório? In: PROCEEDINGS OF THE 1TH SIMPÓSIO INTERNACIONAL DO ADOLESCENTE, I,. 2005, **Anais [...],** São Paulo 2005. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000082005000200060&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 09 jul. 2024.

OLIVEIRA, R. B.; ALVES, D. F. Utilização da técnica do átomo social no processo de psicodiagnóstico. **Revista Brasileira de Psicodrama**, [S.l.], v. 31, 1 jan. 2023. Disponível em: https://www.scielo.br/j/psicodrama/a/NNZKPyHKrN6NvMSpWyfXQgm/ Acesso em: 19 maio 2024.

PARRA, A. C.; OLIVEIRA, J. A.; MATURANA, A. P. M. O paradoxo da institucionalização infantil: proteção ou risco? **Psicologia em Revista**, [S.l.], v. 25, n. 1, p. 155-175, 2019. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1677-11682019000100010 Acesos em: 10 set. 2024.

PINTO, M. B. *et al*. Educação em saúde para adolescentes de uma escola municipal: a sexualidade em questão. **Cienc Cuid Saude**, [S.l.], v. 12, n. 3, p. 587-592, 2013. Disponível em: https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-735625 Acesso em: 12 maio 2024.

QUIROGA, F. L.; VITALLE, M. S. S. O adolescente e suas representações sociais: apontamentos sobre a importância do contexto histórico. **Physis:** Revista de Saúde Coletiva, [S.l.], v. 23, n. 3, p. 863-878, 2013. doi: 10.1590/s0103-73312013000300011. Disponível em: https://www.scielo.br/j/physis/a/8F4JDSPHQTkgzmYCWRsz9Rf/. Acesso em: 01 maio 2024.

RAMIRES, V. R. R.; SCHNEIDER, M. S. Revisitando alguns conceitos da teoria do apego: Comportamento versus representação? **Psicologia**: Teoria e Pesquisa, [S.l.], v. 26, n. 1, p. 25-33, mar. Disponível em: https://doi.org/10.1590/s0102-37722010000100004. Acesso em: 07 set. 2024.

ROSA, E. M. *et al*. O processo de desligamento de adolescentes em acolhimento institucional. [S.l.], v. 17, n. 3, p. 361-368, 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/j/epsic/a/QVVHczLbvV4X73CyBRQpPbH/?format=pdf. Acesso em: 28 set. 2024.

SAMPAIO, D. S.; MAGALHÃES, A. S.; FÉRES-CARNEIRO, T. Pedras no caminho da adoção tardia: ddesafios para o vínculo parento-filial na percepção dos pais. **Trends in Psychology**, [S.l.], v. 26, n. 1, p. 311-324, 2018. doi: 10.9788/TP2018.1-12Pt. Disponível em: https://www.scielo.br/j/tpsy/a/Cx4bFKrqtTrPzL3vHsbCZmD/abstract/?lang=pt Acesso em: 15 jun. 2024.

SANTOS, J. V. O. *et al*. Adoção de crianças por casais homossexuais: as representações sociais. **Temas em Psicologia**, [S.l.], v. 26, n. 1, p. 139-152, 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/j/tpsy/a/Gzg3mS4XXXzqftFnfLbJL6J/?format=pdf. Acesso em: 15 jun. 2024.

YUNES, M. A. M. Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. **Psicologia em Estudo**, [S.l.], v. 8, n. spe. P. 75-84, 2003. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pe/a/8NB6nkqmK49dWHJYbqXLFDB/abstract/?lang=pt Acesso em: 04 jun. 2024.